

EDUCANDO PARA A SAÚDE: UM NOVO OLHAR À SAÚDE ESCOLAR SOB A ÓTICA DO SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS (SPE)

SOUZA, Pâmela Leites de¹

NOGUEIRA, Maria Laura Silveira²

PEREIRA, Denise Bermudez³

CUNHA, Giolana Mascarenhas da⁴

MÖLER, Fabiana de Oliveira⁵

MEINCKE, Sonia Maria Konzgen Meincke

Orientadora. Professora Adjunta. Docente do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Assistência de Enfermagem. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email meincke@terra.com.br

1. Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, 8º Semestre. Voluntária do Projeto PET-Saúde. E-mail: pleitesdesouza@yahoo.com.br
2. Médica (Estratégia de Saúde da Família/ Secretária Municipal de Saúde de Pelotas/RS), Especialista em Saúde Pública (UNAERP) e Saúde da Família (FURG). E-mail: mlsn_40@hotmail.com
3. Enfermeira (Estratégia de Saúde da Família/ Secretária Municipal de Saúde de Pelotas/RS), Mestre em Enfermagem (Universidade Federal de Pelotas/RS). E-mail: de.bp@terra.com.br
4. Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, 10º semestre. Bolsista do Projeto PET – Saúde. E-mail: giolanamc@uol.com.br
5. Assistente Social, Especialista em Saúde da Família (ISEP). E-mail: fab_oliv32@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Brasil conta com mais de 54 milhões de cidadãos e cidadãs na faixa de 10 a 24 anos de idade, o que representa 30,3% da população. Os sistemas de ensino abrigam aproximadamente 62% desta população (BRASIL,2008). Além de sua grande relevância para o País, essas parcelas expressivas da população estão expostas a riscos e relações de vulnerabilidade de caráter estrutural a serem superadas de forma premente (BRASIL, 2008). Neste contexto, o ambiente escolar surge como espaço facilitador para a prevenção de riscos e promoção da saúde de crianças e jovens, além da possibilidade de transformar o quadro de vulnerabilidade social em que muitos jovens brasileiros vivem atualmente (FONSECA, 2008). Trata-se de um espaço institucional privilegiado para a convivência social e o estabelecimento de relações intersubjetivas favoráveis à promoção da saúde e à construção de uma resposta social aos desafios colocados para a sociedade (BRASIL, 2009).

Em 2003, o Ministério da Saúde, pela Coordenação Nacional de DST/AIDS, e o Ministério da Educação, com apoio da UNESCO, UNICEF e UNFPA, iniciaram o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) com objetivo de reduzir a vulnerabilidade dos jovens, promovendo a saúde sexual e reprodutiva de forma ampla. Em 2007, o Decreto Presidencial nº 6.286 instituiu o Programa Saúde na Escola (PSE), uma política intersetorial - entre os Ministérios da Saúde e da Educação - na perspectiva da prevenção, promoção e atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e jovens do ensino público básico. As ações acontecem no

ambiente escolar e nas unidades básicas de saúde, e são realizadas pelas Equipes de Saúde da Família e profissionais de educação (GOMES, 2010). O Programa surge para unificar diversas ações que eram executadas pela saúde e pela educação, tais como o Olhar Brasil e o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), entre outras (FONSECA, 2008).

O município de Pelotas-RS desenvolveu, no ano de 2008, uma capacitação interdisciplinar e intersetorial em que se discutiu o planejamento e a implementação deste projeto na cidade. Vários trabalhos vêm sendo desenvolvidos desde então, um deles, realizado na Unidade de Saúde da Família Simões Lopes da cidade de Pelotas, o qual será exposto no presente relato de experiência.

2. OBJETIVO

Refletir o papel da equipe de ESF na integração saúde-educação, a partir da trajetória do projeto “Educando para a Saúde”.

3. MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho tem caráter descritivo e trata-se de um relato de experiência vivenciado pelos membros da Equipe de Saúde da Família de uma Unidade Básica de Saúde, durante o período de março a agosto de 2010, no bairro Simões Lopes, na cidade de Pelotas- RS. Apresenta as atividades educativas desenvolvidas a partir do projeto “Educando para a Saúde”, numa parceria entre a equipe de Saúde da Família Simões Lopes e a comunidade docente de duas escolas do Bairro. O projeto tem como base e inspiração as normas e diretrizes do Programa Saúde e Prevenção nas Escolas, e por objetivo implementar ações integrativas entre saúde e educação, abordando temas relativos à prevenção, promoção e recuperação da saúde, com especial ênfase aos direitos reprodutivos e sexuais dos adolescentes.

Os encontros são realizados semanalmente, todas as terças-feiras à tarde e quintas-feiras pela manhã, e direcionados à comunidade escolar local, com faixa etária entre 6 e 19 anos, que cursam o Ensino Fundamental ou Médio. A temática de cada encontro é definida sempre na semana anterior à atividade, pelos alunos e professores a partir de assuntos vistos em aula. É realizado então, um levantamento das dúvidas e questões relevantes apontadas, as quais serão trabalhadas com a equipe de saúde e membros da equipe docente, sendo que, eventualmente, os pais e familiares são convidados a participar da interação.

A abordagem, didática e os recursos utilizados para a discussão do tema, são definidos conforme as características e realidade da população-alvo, além de considerar aspectos referentes à fase de crescimento e desenvolvimento de cada faixa etária. As ações são multi e interdisciplinares, contando com os profissionais de medicina e enfermagem da ESF, equipe de apoio (nutrição, serviço social e odontologia), e dos acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas. Serão realizadas avaliações semestrais, com análise de resultados para o aproveitamento e planejamento das ações seguintes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitas informações foram encontradas em relação aos conceitos e diretrizes norteadoras dos Programas Saúde na Escola e SPE; entretanto, relatos de

experiências bem-sucedidas, que apontassem alternativas para o alcance dos objetivos propostos foram escassos ou não apontavam o SPE como princípio de ação. Buscando alcançar ações intersetoriais efetivas e inovadoras, o Projeto “Educando para a saúde”, sob a ótica do SPE, vem envolvendo as escolas e serviços de saúde locais no desafio de construir uma sólida relação entre saúde-escola, resultando em melhoria no estado biopsicossocial da comunidade escolar, bem como na promoção da qualidade de vida entre os envolvidos.

Os temas discutidos são relacionados à educação em sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos, com ênfase nas DST's e métodos contraceptivos, prevenção, promoção e recuperação da saúde. A abordagem de forma dinâmica e mais próxima possível à realidade local busca maior interação entre os alunos, professores e profissionais de saúde, resgatando papéis e vínculos da Unidade Básica de Saúde junto aos jovens e suas famílias.

O fato de mobilizarmos os próprios alunos no planejamento e definição dos temas a serem tratados, aproxima a atividade das reais necessidades dessas crianças e jovens, refletindo as principais carências existentes no currículo das escolas e na relação saúde-população. Exemplos disto são as questões levantadas pelos alunos que variam desde as mais básicas e casuais, às mais complexas e preocupantes. Perguntas relacionadas à sexualidade, métodos contraceptivos, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), drogas e seus efeitos, bem como prevenção e esclarecimentos sobre doenças como a tuberculose, hepatites e Gripe H1N1, foram as mais solicitadas. Tratar de temas atuais, normalmente estigmatizados e reprimidos anteriormente, possibilita a tomada de consciência acerca da sua existência, desmitificando tabus e contribuindo para a redução das desigualdades sociais e de gênero, do preconceito e da discriminação.

Os professores são peças chave nas discussões e fundamentais para a continuidade do trabalho. Além disso, os episódios em que os pais e familiares são convidados a participar do debate, somam forças para que os objetivos sejam alcançados, uma vez que se tornam multiplicadores, fortalecendo a possibilidade de reprodução de hábitos de vida mais saudáveis e conscientes a partir da família. O interesse, a receptividade e a interação percebidos foram muito válidos, refletidos na satisfação e participação das crianças, jovens e demais atores do projeto, o que serve de incentivo à melhoria e continuidade do trabalho realizado. No âmbito da saúde, muitos obstáculos ainda precisam ser transpostos, em relação à criação/fortalecimento do vínculo existente entre o escolar e a Unidade Básica de Saúde.

O profissional de saúde deve capacitar-se, sensibilizar-se e preparar-se cada vez mais para receber e atender a essa parcela expressiva da população, muitas vezes ignorada. A disponibilização de insumos de prevenção, a redução de estigma e preconceito são temas que deverão ser trabalhados com profissionais dos dois setores (GOMES, 2010). Ademais, o reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos dos adolescentes e jovens necessita ser enfrentado por educadores, pais e profissionais de saúde, para que as ações sejam efetivas.

5. CONCLUSÕES:

A abrangência e complexidade dos desafios a serem enfrentados apontam para um novo caminho: o da articulação de políticas para valorizar as contribuições setoriais possíveis e necessárias, assim como a participação da sociedade civil, de forma que esta união de capacidades, recursos e responsabilidades possa produzir

transformações mais efetivas nas condições geradoras de vulnerabilidade das populações jovens (BRASIL, 2008). As experiências que deram certo, aliadas aos desafios e barreiras existentes, sugerem o desenvolvimento de novas estratégias e investimentos para que as metas dos programas sejam alcançadas.

Acreditamos que independente da forma e métodos de construção desta relação, o resultado será sempre o mesmo: saúde e educação, desde que haja este comprometimento. Por fim, o principal desafio situa-se no interesse, na disponibilidade e no compromisso de assumir a Saúde e Prevenção nas Escolas na cidade de Pelotas, uma vez que muitos são os projetos no papel, mas poucas são as ações realmente desenvolvidas. O educar em saúde, intimamente associado ao formar cidadãos críticos e conscientes, não significa apenas transmitir informação, mas fornecer meios para a construção do conhecimento.

6. REFERÊNCIAS

1. BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. Diretrizes para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 24 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
2. FONSECA, Fernanda Ferreira. **A escola como espaço facilitador para promoção da saúde e prevenção de riscos.** ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO AMBIENTE, ISBN 978-85-99661-03-1, UNIPLI, 15 a 17 de maio de 2008, Niterói/RJ. 19-23 p.
3. BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 96 p.: il. – (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Cadernos de Atenção Básica; n. 24)
4. GOMES, Maria Rebeca Otero; VIEIRA, Nadjanara. UNESCO. Saúde e Prevenção nas Escolas: Promovendo a Educação em Sexualidade no Brasil. **Revista Tempus Actas em Saúde Coletiva**, Brasília, v.2, no 02, p. 145-147, 19 de maio de 2010.